

# *Locus* de Controlo e Toxicoddependência

João Carlos da Silva Pereira \*



O *Locus de Controlo* refere-se às expectativas que as pessoas mantêm relativamente às relações de contingência *versus* não contingência entre os reforços e o comportamento. É uma variável psicossocial da personalidade muito importante, pois, segundo as suas características (tendência para a internalidade ou externalidade) assim, em geral, influenciará o comportamento dos indivíduos, face às circunstâncias da vida.

Os comportamentos menos assertivos, as dificuldades em lidar com os problemas, a incapacidade de gerir as frustrações são, *grosso modo*, componentes das manifestações apresentadas pelos heroinodependentes no quotidiano.

Os resultados encontrados estão de acordo com a hipótese formulada: os heroinodependentes apresentam maior tendência para a *externalidade*.

A relevância deste estudo relaciona-se com as metodologias que se deverão desenvolver, visando os indivíduos com comportamento aditivo de heroína, de forma a adquirirem estratégias de resolução de problemas mais adequados, comportamentos mais assertivos e tendência para a internalidade.

## Introdução

No limiar do século XXI, com a explosão populacional e a crescente complexidade da sociedade, o homem parece mais controlado (alienado) do que autónomo (controlador); manifesta mais sentimentos de impotência e até de desespero, nas suas acções quotidianas.

Estando em causa a saúde e, em especial, a saúde dos jovens, a marginalização social dum parte importante de sujeitos, a delinquência associada ao uso de drogas, torna-se fundamental o estudo sobre os comportamentos aditivos com o objectivo de se aumentarem os conhecimentos sobre os factores implicados no desenvolvimento das toxicoddependências e de descobrir estratégias e métodos de intervenção mais eficazes, através da prevenção e tratamento, para diminuir o impacto

negativo sobre a saúde pública. A investigação científica é o instrumento mais eficaz para levar a bom termo esse escopo, pois poderá tornar acessível a compreensão das várias dimensões fundamentais deste fenómeno; poderá proporcionar a descoberta de novos métodos terapêuticos mais efectivos nas respostas a dar às diversas necessidades das pessoas dependentes de drogas.

A escolha do tema deste trabalho relaciona-se com a actividade exercida pelo autor, como um dos agentes de intervenção no campo da saúde, relacionada com a prevenção secundária, mas também com a preocupação no processo da promoção da saúde.

Apesar de se estar consciente de que este trabalho é limitado pela complexidade que o fenómeno toxicoddependência traduz, não sendo possível encontrar uma explicação global nem soluções eclécticas e definitivas, optou-se por fazer

\* Enfermeiro, Requesitado na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, Mestre em Saúde Pública.

um estudo comparativo entre três grupos, de idades compreendidas entre os 15 e os 26 anos. Um grupo é constituído por sujeitos não-toxicodependentes; outro grupo é caracterizado por estar a consumir heroína, à data do preenchimento do questionário; do terceiro faz parte uma amostra populacional que consumiu heroína e está em tratamento, há mais de três meses. A complexidade de vida que representa o toxicodependente, devido à sua história pessoal (infância com espaços afectivos não preenchidos), à vida familiar (disfunções) ou à sua inexistência (membros ausentes), à vivência grupal, ao contexto social (de locais endémicos de droga já passou a fenómeno epidémico)..., faz com que não seja possível considerar todas as variáveis (biológicas, psicológicas, sociais e culturais) intervenientes nesses comportamentos aditivos.

Como, desde o início da década de 80, em Portugal, o principal psicotrópico é o “pó”, simplesmente — o nome mais repetido na gíria *drug*, para designar a heroína, segundo FERNANDES (1993) —, o alvo da escolha dos sujeitos com comportamentos aditivos, para este estudo, foram os heroinodependentes, cujo número, em Portugal, é estimado em cerca de 80.000, distribuídos por todo o país, não poupando nenhum tipo de famílias, meios ecológicos e classes sociais (NETO, 1996).

O autor propõe-se abordar uma das variáveis importantes da personalidade — *Locus de Controlo* — cujas características poderão ser causa e/ou consequência da adopção de comportamentos aditivos.

O estudo do *locus de controlo* refere-se, basicamente, às expectativas que as pessoas mantêm, relativamente às relações de contingência entre os reforços e o comportamento; aos fenómenos sociais importantes que assolam a sociedade e que parecem fugir ao controlo do homem.

Quando os acontecimentos são percebidos como escapando ao controlo individual, mas dependentes de factores como a sorte, destino, acaso, ou da acção de outras pessoas ou instituições poderosas, refere-se ao *locus de controlo externo*. Ao invés, se o indivíduo percebe que os

acontecimentos estão sob o seu controlo pessoal, designa-se *locus de controlo interno*.

Poder-se-á admitir que uma pessoa com uma tendência para a *internalidade* reaja com mais facilidade e de forma mais assertiva, face a qualquer situação indutora de stress, porque estará melhor preparada para lidar com ela.

Este trabalho é acompanhado pela preocupação de evitar atitudes reducionistas ou determinísticas sobre o fenómeno da toxicodependência, atendendo à complexidade das variáveis intervenientes.

A escala utilizada para avaliar as características dos indivíduos que compõem a amostra deste estudo foi: Escala *IPC (Internal, Powerful others, and Chance)* de Levenson.

Pela introdução teórica do tema e com os resultados obtidos, este estudo, *grosso modo*, encontrou uma maior tendência para a externalidade, nos grupos que tiveram ou mantêm dependência da heroína, quando comparados com o grupo que nunca consumiu.

## Hipótese de trabalho

A hipótese, em estudo, foi formulada, tendo por base questões levantadas no quotidiano profissional e em investigações de autores citados neste trabalho. A hipótese estabelecida foi a seguinte:

- Existe associação entre *locus de controlo* externo e dependência de heroína.

## Metodologia

### Características Gerais da Amostra

Este trabalho teve como objectivo determinar, através do estudo comparativo entre três grupos diferentes, as relações entre o *Locus de Controlo* e a Toxicodependência, numa população com idades compreendidas entre os 15 e os 26 anos.

Os três grupos, em estudo, obedeceram aos seguintes requisitos: nunca terem consumido heroína (*NC*); estarem a consumir heroína (*C*);

terem consumido heroína e estarem em tratamento há mais de três meses (7). Os casos em estudo são, portanto, adolescentes e adultos jovens de diversos distritos de Portugal Continental.

O instrumento de colheita de dados escolhido foi o questionário, por se adequar mais ao tipo de trabalho em realização. Foram distribuídos 300 questionários; recolhidos 208 e excluídos 10, por estarem preenchidos indevidamente ou com dados incompletos.

A amostra ficou constituída por 198 sujeitos.

Quanto ao sexo, é predominante o sexo masculino (75 %) em relação ao sexo feminino (25 %).

Existe grande homogeneidade no estado civil, pois 90 % são solteiros. Apenas 9 % são casados e 1 % divorciados.

A maioria (64 %) dos indivíduos desta amostra está incluída no grupo que tem entre 9 e 11 anos de escolaridade. Com menos de 9 anos encontram-se 31 % e 5 % (10 elementos) têm habilitações literárias superiores a 12 anos de escolaridade, compreendendo 1 licenciado, 3 bacharéis e 6 com frequência universitária.

As características das actividades ocupacionais estão distribuídas pelas actividades industriais (39 %); estudantes 21 %; 17 % são desempregados; 14 % pertencem ao sector de serviços e os trabalhadores do comércio constituem 9 % do total da amostra.

### Instrumento de Avaliação

A escala utilizada para avaliar as características dos indivíduos que compõem a amostra deste estudo foi: Escala *IPC (Internal, Powerful others, and Chance)* de Levenson.

### Análise e discussão dos resultados

Ao considerarem-se os resultados obtidos, neste trabalho, verifica-se que os indivíduos com uma maior tendência para a externalidade apresentam menor grau de realização e de empreendimentos (FIELDMAN *et al.*, 1995); acentuados défices escolares (KANDEL e DAVIES, 1996). Assim, o

grupo com os níveis mais altos de escolaridade foi o que nunca consumiu e, ao invés, o grupo em que se observaram os valores mais baixos de escolaridade foi o dos indivíduos que estão a consumir heroína.

Globalmente, as médias dos valores do *I.P.C.* de Levenson mostram um valor mais baixo do *L.C.I.* (internalidade) e valores mais altos do *L.C.P.* (externalidade – poder dos outros) e *L.C.C.* (externalidade – sorte ou azar), em relação à aferição efectuada para a população portuguesa (RELVAS *et al.*, 1984). Os factores de controlo percebidos, como escapando ao controlo individual, são mais importantes do que os factores que vão no sentido dum *locus de controlo* interno. Em valor relativo, os factores ligados ao acaso, sorte ou azar são mais valorizados do que os factores ligados ao controlo por outros poderosos (pessoas ou instituições).

Ao contrário do que, em princípio, seria de esperar, pela avaliação da internalidade (*L.C.I.*), não se verificaram diferenças significativas dos valores entre os três grupos. Esta observação permite objectar, como argumentam RELVAS (1985) e BARROS *et al.* (1993), que o *locus de controlo* não é uma variável psicossocial bipolar, mas uma tendência sociocognitiva mais ou menos dominante do indivíduo. Assim, um indivíduo pode manifestar-se interno em certas áreas e apresentar características relativas à externalidade noutras. Também o facto da escala *I.P.C.* de Levenson medir expectativas gerais e as questões constantes da escala não estarem em formato de escolha forçada, podem ter facilitado resultados em que a internalidade não apresenta diferenças significativas entre os grupos, enquanto na dimensão da externalidade se observa o inverso (Quadro 1).

Razões semelhantes poderão justificar os resultados discrepantes, pelas correlações positivas significativas observadas entre a internalidade (*L.C.I.*) e as duas dimensões da externalidade (*L.C.P.* e *L.C.C.*), no grupo que está em tratamento há mais de três meses (Quadro 2).

Os resultados das correlações entre as várias dimensões do *locus de controlo*, nos outros dois grupos, parecem mais consentâneos com a realidade (Quadros 3 e 4).

QUADRO 1 - Comparação das médias das variáveis nos três grupos (Anova).

	T (n=56)	C (n=75)	NC (n=67)	F	p
<b>L.C.I.</b>					
Média	30.964	30.427	31.090	0.493	0.612
D.P.	4.063	4.454	4.085		
<b>L.C.P.</b>					
Média	26.054	27.293	23.657	9.220	0.000
D.P.	6.088	5.005	4.180		
<b>L.C.C.</b>					
Média	26.786	28.080	25.060	7.841	0.001
D.P.	5.105	4.508	4.056		

QUADRO 2 - Correlações entre as dimensões do *I.P.C.* de Levenson, no grupo *T*.

	L.C.C.	L.C.P.	L.C.I.
<b>L.C.I.</b>	0.490 <sup>***</sup>	0.448 <sup>**</sup>	—
<b>L.C.P.</b>	0.744 <sup>***</sup>	—	—
<b>L.C.C.</b>	—	—	—

\*\* p < 0.01    \*\*\* p < 0.001

QUADRO 3 - Correlações entre as dimensões do *I.P.C.* de Levenson, no grupo *C*.

	L.C.C.	L.C.P.	L.C.I.
<b>L.C.I.</b>	0.144	0.069	—
<b>L.C.P.</b>	0.636 <sup>***</sup>	—	—
<b>L.C.C.</b>	—	—	—

\*\*\* p < 0.001

QUADRO 4 - Correlações entre as dimensões do *I.P.C.* de Levenson, no grupo *NC*.

	L.C.C.	L.C.P.	L.C.I.
<b>L.C.I.</b>	-0.096	-0.114	—
<b>L.C.P.</b>	0.255 <sup>*</sup>	—	—
<b>L.C.C.</b>	—	—	—

\* p < 0.05

O aparecimento destes dados poderá estar ligado aos mecanismos de defesa usados pelos indivíduos que abusam de drogas: dão respostas segundo a desejabilidade social, mas não têm correspondência nas atitudes e comportamentos da

sua vida quotidiana. O tipo de escala utilizada na avaliação do *locus de controlo* poderá ter facilitado a opção das respostas, pois, neste estudo, porque se ia comparar sujeitos com comportamentos de abuso de heroína e sujeitos que nunca tinham consumido essa substância, optou-se pela utilização da escala de *I.P.C.* de Levenson. Contudo, não será possível resguardar totalmente as respostas dos efeitos sociais (BARROS *et al.*, 1993). Talvez o uso de uma escala que meça as expectativas de controlo aos grupos dos que abusaram ou abusam da heroína seja mais sensível na especificação do tipo de *locus de controlo*, como sugere OSWALD *et al.* (1994).

Os resultados obtidos revelaram que, como se esperava, ao formular-se a hipótese de trabalho, os indivíduos que estão a consumir manifestam uma tendência para a externalidade (Quadros 5 e 6), estatisticamente significativa, em comparação com os sujeitos que nunca consumiram heroína. Resultados diferentes foram obtidos por BERZINS e ROSS (1973) e SMITHYMAN *et al.* (1974) que encontraram os consumidores de drogas mais orientados no sentido da internalidade.

QUADRO 5 - Significâncias (p) das diferenças na variável *L.C.P.*, nos três grupos (DHS de Tukey).

	Grupo T	Grupo C	Grupo NC
<b>Grupo T</b>	1.000		
<b>Grupo C</b>	0.351	1.000	
<b>Grupo NC</b>	0.025	0.000	1.000

QUADRO 6 - Significâncias (p) das diferenças na variável *L.C.C.*, nos três grupos (teste DHS de Tukey).

	Grupo T	Grupo C	Grupo NC
<b>Grupo T</b>	1.000		
<b>Grupo C</b>	0.240	1.000	
<b>Grupo NC</b>	0.090	0.000	1.000

Uma das causas destas diferenças poderá estar relacionada com o que CARLISLE-FRANK (1991) sustenta, quando refere que os indivíduos que têm uma global tendência para serem internos podem, no começo do uso de substâncias (psicoactivas),

acreditar que possuem o controlo para parar ou reduzir esse comportamento sempre que, assim, o desejarem. Contudo, após várias tentativas para dominar os comportamentos, concluem que falharam. Então, os indivíduos internos podem adquirir uma crença externa sobre a capacidade de poderem fazer parar esses mesmos comportamentos, por forma a ser menos doloroso do que reconhecer o falhanço, como um sinal da sua inadequação pessoal. Poderá ser uma das razões por que apresentam a dimensão *P* (outros poderosos) do *locus de controlo* externo mais elevada que o grupo que nunca consumiu. Esta dimensão é considerada defensiva, visto que os indivíduos apresentam baixas expectativas de êxito na obtenção de objectivos valorizados. A atribuição do falhanço a outros factores que não a si próprio revela uma adopção de atitudes de externalidade, como defesa contra sentimentos de falhanço pessoal (RELVAS, 1985).

Em relação ao grupo que está em tratamento há mais de três meses, verifica-se não existir qualquer diferença, na dimensão *L.C.C.* com os outros grupos. Mas, na dimensão *L.C.P.*, observa-se uma diferença significativa, a nível de 0.05, entre os grupos *Te NC*. Querera este resultado significar que o tratamento efectuado, durante três meses ou mais com fármacos e psicoterapias foi mais eficaz, reduzindo a externalidade, na dimensão dos factores de controlo percebidos como escapando ao controlo individual, mais ligados ao “acaso”, “sorte” ou “azar”? Seria de esperar que, à medida que aumentasse o tempo de tratamento, diminuísse a externalidade (OSWALD *et al.*, 1994).

A fim de permitir uma melhor compreensão sobre a questão formulada, prosseguiu-se o estudo, no sentido de saber se existia correlação entre o tempo de tratamento e os valores da dimensão *C* (“sorte” ou “acaso”) do grupo em tratamento há mais de três meses (*T*). A avaliação, pelo teste de correlação de Pearson, revelou não existir qualquer correlação significativa. Estes dados estão de acordo com alguns autores (HAYNES e AYLIFFE, 1991; CHAN, 1989) que, nas suas investigações sobre comportamentos aditivos, chegaram a resultados semelhantes. Poderão estes resultados estar

relacionados com variáveis como as metodologias psicoterapêuticas, o tempo decorrido, ou outros factores. Todavia, divergem das correlações positivas que foram encontradas por MYERS e BROWN (1990) e MYERS *et al.* (1993) e OSWALD *et al.* (1994), entre a internalidade e o tratamento.

## Conclusão

A confirmação da hipótese de investigação formulada releva para as atitudes psicoterapêuticas que se deverão implementar, face aos comportamentos aditivos, em geral, e aos heroinodependentes, em particular.

As correlações encontradas entre o *locus de controlo externo* e os indivíduos toxicodependentes que compõem a amostra deste estudo vêm confirmar os pressupostos, quando se formulou a hipótese deste trabalho.

Considera-se com interesse, no futuro, a realização de estudos sobre as metodologias psicoterapêuticas, nomeadamente o tempo de tratamento, o tipo de abordagens psicoterapêuticas, o regime de tratamento..., por forma a possibilitar comportamentos mais assertivos. Parece importante, atendendo aos resultados obtidos, a implementação, através de um modelo pluridisciplinar, de terapias que possibilitem o desenvolvimento da tendência para a internalidade, visto que esta tendência, como prediz a teoria, permite uma maior adaptabilidade ao stress ambiental, através de comportamentos assertivos e investindo nas relações humanas, tanto em qualidade como em quantidade e na internalização do estabelecimento externo de normas de vida.

Como neste estudo, o objectivo não era saber se a *externalidade*, encontrada nos indivíduos que tiveram ou têm comportamentos aditivos, é causa ou consequência da toxicodependência, parecem ser relevantes estudos epidemiológicos longitudinais que permitam uma abordagem dinâmica dos factores intervenientes e que possibilitem uma compreensão mais abrangente das variáveis causais e das correlações (CARROL *et al.*, 1991), no processo de desenvolvimento do adolescente e dos adultos jovens (HOPS *et al.*, 1990).

Sendo as teorias da aprendizagem social de personalidade interacionistas, pois pressupõem que a validade de investigação para o estudo da personalidade é a interação do indivíduo com o seu meio ambiente significativo, as estratégias de tratamento deverão relacionar-se com toda a panóplia de factores do meio ambiente (variáveis do ambiente, em geral, das relações interpessoais e do próprio indivíduo), como preconiza GALIZIO e MAISTO (1985).

## Bibliografia

- BARROS, José H. *et al.* – *Psicologia do Controlo Pessoal - Aplicações Educacionais, Clínicas e Sociais*. Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 1993.
- BERZINS, J.; ROSS, W. – Locus of control among opiate addicts. “*Journal of Consulting and Clinical Psychology*”, 40, 1973. pp. 84-91
- CARLISLE-FRANK, P. – Examining Personal Control Beliefs as a Mediating Variable in the Health-Damaging Behavior of Substance Use: An Alternative Approach. “*The Journal of Psychology*”, 125 (4), 1991. pp. 381-397
- CARROL, K. M. *et al.* – Relapse Prevention Strategies for the Treatment of Cocaine Abuse. “*American Journal of Drug and Alcohol Abuse*”, 17 (3), 1991. pp. 249-265
- CHAN, D.W. – Dimensionality and Adjustment Correlates of Locus of Control Among Hong Kong Chinese. “*Journal of Personality Assessment*”, 53 (1), 1989. pp. 145-160
- FERNANDES, L. – Territórios Psicotrópicos. In Agra, C. - *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas. Estudos Teóricos e Empíricos para a Ciência do Comportamento Adictivo*. Radicário, Porto, 1993.
- FIELDMAN, N. P. *et al.* – Dimensions of Self-Concept: A Comparison of Heroin and Cocaine Addicts. “*American Journal of Drug and Alcohol Abuse*”, 1 (3), 1995. pp. 315-326
- GALIZIO, M.; MAISTO, S.A. – *Determinants of Substance Abuse: biological, psychological and environmental factors*. London: Plenum Press. 1985.
- HAYNES, P.; AYLIFFE, G. – Locus of control of behaviour: is high externality associated with substance misuse? “*British Journal of Addiction*”, 86, 1991. pp. 1111-1117
- HOPS, H. *et al.* – Parent- Adolescent Problem-solving interactions on Drug Use. “*American Journal of Drug and Alcohol Abuse*”, 16 (3 e 4), 1990. pp. 239-258
- KANDEL, D. B.; DAVIES, M. – High School Students Who Use Crack and Other Drugs. “*Archives of General Psychiatry*”, vol. 53, 1996. pp. 71-80
- MYERS, M.G.; BROWN, S.A. – Coping and appraisal in relapse risk situations among adolescent substance abusers following treatment. “*Journal of Adolescent Chemical Dependency*”, 1, 1990. pp. 95-115
- MYERS, M.G. *et al.* – Coping as a Predictor of Adolescent Substance Abuse Treatment Outcome. “*Journal of Substance Abuse*”, 5, 1993. pp. 15-29
- NETO, D. A. – *Tratamento combinado e por etapas de heroinodependentes*. Lisboa: Universitária Editora, 1996.
- OSWALD, L.M. *et al.* – General and Specif Locus of Control in Cocaine Abusers. “*Journal of Substance Abuse*”, 6, 1994. pp. 179-190
- RELVAS, J. – *Locus de Controlo e Depressão - Influência das Expectativas de Controlo do Reforço na Etiopatogenia e Manifestações da Depressão*. Tese de Doutoramento, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1985.
- RELVAS, J. *et al.* – Resultados da aplicação da escala IPC de Levenson a estudantes universitários. “*Psiquiatria Clínica*”, 5 (3) 1984. pp. 119-124
- SMITHYMAN, S. *et al.* – Locus of control in two samples of chronic drug abusers. “*Psychological Reports*”, 34, 1974. pp. 1293-1294